



O SALÁRIO DO PECADO É A AIDS: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM VÍDEOS CATÓLICOS E GOVERNAMENTAIS DE PREVENÇÃO AO HIV NA ÁFRICA

Tiago da Silva Ferreira*

RESUMO

O presente artigo procura demonstrar a convergência entre o discurso religioso e o governamental em campanhas de prevenção ao HIV. Para comparação, utilizo-me dos vídeos da série “Youth Videos for Life and Love”, produzidos pela organização jesuíta African Jesuit AIDS Network; e o programa governamental de prevenção ao HIV da Televisão Pública de Angola, o “Stop Sida”. Pretendo demonstrar que, em ambos os casos, se procura produzir sujeitos culpados, especialmente quando se tratam de mulheres, associando a infecção pelo vírus ao pecado, condenação divina e responsabilidade individual. Tal associação perpetua a violência contra a mulher e mantém intacto o dispositivo social que faz delas as maiores vítimas da pandemia da aids em Angola e na África Sul-saariana.

Palavras-chave: relações de gênero; cristianismo; prevenção ao HIV/ Aids; África.

ABSTRACT

This article seeks to demonstrate the convergence of religious and governmental discourse on HIV prevention campaigns. For comparison in this text I use the videos from the series “Youth Videos for

* Graduado em História pela PUC-Campinas. Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense, onde desenvolve tese sobre as relações entre prevenção ao HIV, gênero, religião, Estado e organizações da sociedade civil em Angola. O presente artigo é um desdobramento da pesquisa de doutoramento.



Life and Love”, produced by the Jesuit organization African Jesuit AIDS Network; and Public Television of Angola’s governmental TV Show for HIV prevention, “Stop Sida”. I intend to show that in both cases, one seeks to produce guilty subjects, especially when it comes to women, associating the infection with sin, divine judgment and personal responsibility. This association perpetuates violence against women and keeps intact the social dispositif that makes them the main victims of the AIDS pandemic in Angola and Sub-Saharan Africa.
Key-words: gender relations; Christianity; HIV/AIDS prevention; Africa.

RESUMEN

En este artículo se pretende demostrar la convergencia del discurso religioso y lo gubernamental en las campañas de prevención del VIH. A modo de comparación, me utilizaré de vídeos de la serie “Youth Videos for Life and Love”, producidos por la organización African Jesuit AIDS Network; y el programa gubernamental para la prevención del VIH de la Televisión Pública de Angola, el “Stop SIDA”. Tengo la intención de mostrar que, en ambos casos, busca producir sujetos culpables, sobre todo cuando se trata de mujeres, asociando la infección al pecado, juicio divino y responsabilidad personal. Esta asociación perpetúa la violencia contra las mujeres y mantiene intacto el dispositivo social que hace que ellas sean las mayores víctimas de la pandemia del SIDA en Angola y África Subsahariana.

Palabras clave: relaciones de género; cristianismo; prevención del VIH/SIDA; África.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da pesquisa de doutorado que desenvolvo no programa de pós-graduação em História na Universidade Federal Fluminense. O objetivo de minha investigação é demonstrar a partir de quais técnicas de poder e de saber a pandemia da aids pôde se tornar instrumento de controle dos desejos e dos corpos de indivíduos e populações. Seguindo os passos do filósofo Michel Foucault, almejo investigar como o *poder pastoral* exercido por igrejas, ONGs e demais instituições se utilizou do pânico propiciado pela expansão da doença para constituir e propagar discursos reacionários acerca da liberdade sexual e de gênero; e como os indivíduos atingidos, produzidos e enquadrados por essas estratégias, lutaram (ou não) para delas escaparem.



Neste artigo, em particular, almejo estabelecer uma comparação entre os discursos de prevenção ao HIV de uma instituição religiosa jesuíta e de um programa laico financiado pelo governo de Angola. Pretendo demonstrar que a teologia conservadora penetrou largamente no seio da sociedade africana (e angolana em particular) de tal forma que as campanhas de prevenção supostamente laicas reforçam dogmas defendidos pelos setores mais reacionários das igrejas cristãs. Quando se fala em prevenção e tratamento ao HIV, extrapolam-se os limites entre os âmbitos profilático, medicamentoso e moral.

Henrique Figueiredo Carneiro, observando a visão da ciência médica e da Igreja sobre a aids, identificou que, nas duas instituições, o olhar sobre os pacientes soropositivos é um olhar de espanto e rechaço (Henrique Figueiredo CARNEIRO, 2000). Causa desconforto o fato de serem pessoas que de alguma forma são portadoras de uma doença ligada ao sexo, portanto, ao corpo. O autor revela que a medicina despreza a subjetividade e compreende apenas aspectos de ordem biológica, sem levar em conta o desejo das pessoas. A Igreja nega o corpo, concebendo-o como algo que merece desprezo, principalmente no que diz respeito à questão da sexualidade. Segundo Carneiro, o problema dos soropositivos é que portar o vírus traz consigo a marca da busca pelo prazer, pois teria sido este o responsável pela doença.

As mulheres, especialmente as mais jovens e pobres, são as maiores vítimas da pandemia da aids na África Sul-Saariana.¹ Enquanto no mundo a porcentagem de mulheres com HIV é de 48%, na África Sul-Saariana o índice chega a 57% (UNAIDS, 2012, p.66). Há explicações para a aids ser uma doença cada vez mais feminina na África. Segundo a UNAIDS,

O menor status socioeconômico e político das mulheres é atribuído ao desigual acesso à educação e emprego, ao medo ou a experiência da violência, combinados a maior vulnerabilidade fisiológica das mulheres ao HIV. Por causa dos desequilíbrios sociais e de poder econômico entre homens e mulheres e as limitações associadas no acesso à serviços, muitas mulheres e meninas têm pouca capacidade de negociar o sexo e insistir em usar preservativo ou tomar medidas para se proteger do HIV (UNAIDS, 2012, p.66).

¹ Optei pelo termo “Sul-Saariana” ao invés do mais comum “Subsaariana” porque o primeiro não carrega o sentido pejorativo que inferioriza a África negra em relação ao norte do continente.



Por outro lado, o texto segue afirmando que:

Normas de gênero também aumentam a vulnerabilidade dos homens ao HIV, incentivando comportamento de alto risco e impedindo-os de procurar os serviços de saúde sexual ou reconhecendo sua falta de conhecimento sobre o HIV (UNAIDS, 2012, p.66).

Na África Sul-Saariana as normas de gênero impõem aos homens o papel de provedores. Os rapazes são geralmente vistos como um bem e um investimento para os pais quando estes ficarem mais velhos. Como consequência, eles recebem um tratamento preferencial em muitos aspectos da vida, incluindo educação. O privilégio dado aos rapazes pela família, comunidade e, em alguns casos, pelo sistema legal, dá-lhes maiores opções de sucesso na vida do que as moças. Em muitos casos, a mulher é ainda considerada apenas como uma forma de benefício adquirido pelo dote pago pela família do noivo antes do casamento.

Numa sociedade patriarcal onde aos homens é exigido agir como chefes de famílias, mas que são frequentemente incapazes de satisfazer essa norma de gênero devido à pobreza e ao desemprego, a promiscuidade sexual torna-se uma forma de demonstrar a masculinidade. Ao mesmo tempo as mulheres enfrentando ainda menores oportunidades de acesso direto ao rendimento, muitas vezes recorrem ao sexo como meio de transação para a satisfação das suas necessidades diárias. Dessa maneira, dentro e fora do casamento, o corpo da mulher é considerado um brinquete para negociação e troca. É fundamental, portanto, se debruçar sobre as relações de gênero e sexualidade na África para se compreender de que sujeitos estamos falando: mulheres jovens, geralmente pobres que se relacionam com homens geralmente mais velhos e/ou mais ricos em troca de algum amparo material. Esse tipo de relação tem sido o principal vetor de disseminação do HIV no continente.

As crenças e comportamentos sexistas dos privilegiados homens heterossexuais é uma das causas fundamentais para a disseminação do vírus do HIV e, conseqüentemente, para as altas taxas de feminicídio na



África.² As principais atitudes masculinas que ajudam a perpetuar essa situação são: quando o homem utiliza seu status socialmente superior ou a força para impedir o uso do preservativo na hora da relação sexual; quando homens estão num relacionamento monogâmico, mas são infiéis e não contam à parceira sobre suas atividades sexuais extraconjugais; quando um homem sabe ser soropositivo, mas esconde isso da parceira deliberadamente.

A minha pesquisa sobre a aids, em Angola, vem constatando que infectar várias mulheres com o vírus do HIV é visto por alguns homens como símbolo de virilidade. A comprovação da infecção funciona como prova cabal da alta quantidade de parceiras, sendo, portanto, um testemunho público da masculinidade do infectante. Quando confrontados pelas mulheres que contaminaram, esses homens acusam-nas de infidelidade, insinuando que elas foram infectadas com outra pessoa. No caso de Angola, não há uma legislação regulamentada que preveja a punição para a contaminação dolosa do vírus do HIV, o que torna esses homens impunes. Neste artigo, pretendo demonstrar como o discurso religioso trabalha com as campanhas de prevenção ao vírus do HIV e de que forma as campanhas preventivas governamentais são influenciadas pelo discurso religioso que culpabiliza as vítimas (geralmente mulheres) e absolve os homens pelos seus atos. Utilizamos como referência vídeos produzidos por uma instituição religiosa que trabalha não só em Angola, como também em vários países da África Sul-Saariana e os confrontamos com os vídeos do programa governamental “Stop Sida”, financiado pelo governo angolano e que vai ao ar na Televisão Pública de Angola. Em suma, almejo demonstrar que o discurso religioso conservador ajuda a perpetuar o feminicídio provocado pela aids no continente africano, sendo a sua principal base de sustentação.

² Refiro-me aqui ao conceito de feminicídio proposto no livro “Femicide: The politics of woman killing”, organizado por Jill Radford e Diana E. H. Russell. O termo designa o assassinato de mulheres em decorrência de serem do sexo feminino. Geralmente, é o resultado da discrepância de poder entre homens e mulheres na sociedade. Enxergar o problema da aids como feminicídio equivale a dizer que a contaminação pelo HIV se dá em contextos de misoginia e violência contra a mulher.



PODER PASTORAL

Utilizo-me do conceito foucaultiano de poder pastoral para analisar a produção discursiva dos vídeos de prevenção ao HIV aqui apresentados. Para o pensador francês, o poder pastoral nada mais é do que outra matriz presente na política ocidental que corre em paralelo com a tradição grega clássica. O pastorado seria outro tipo de poder, mais fino e individualizante, ligado mais a uma tradição oriental, do Egito, da Assíria e Mesopotâmia e da cultura hebraica (Michel FOUCAULT, 2008, p.166). Ele difere da tradição clássica por focar sua atenção no governo do pastor (condutor) sobre as ovelhas (conduzidos), não importando questões de Estado, soberania ou território, como na polis grega, mas somente a vida dos indivíduos. Foucault entende que os controles sociais contemporâneos seriam herdeiros dessa pastoral, pois o poder, tal qual se afirma hoje, é sutil, múltiplo e multifacetado, não confinado ao Estado. Não o poder da lei, mas o poder da norma. A lei opera entre nós como uma espécie de última barreira do poder, mas antes de ser acionada somos sujeitos de práticas bem mais finas e subjetivantes, envolvendo normalizações, moralizações, conduções e governos dos/ pelos outros e de si (Kleber PRADO FILHO, 2012, p.112).

Segundo Foucault, as antigas sociedades do oriente, em especial os hebreus, introduziram as problemáticas do rei pastor, do pastor de homens e, no caso hebraico, do Deus pastor (Michel FOUCAULT, 2008, p.166-167). As relações entre Deus e o rei remetem à tarefa em comum de conduzir o rebanho em segurança, sendo esse rebanho o mesmo para os dois e formado de pessoas, seres humanos vivos. Está aí o germe de um problema político central no pastorado, que é a relação do “todo com o um”, totalização + individualização. Ou seja, o pastorado procura governar todos, mas de forma individualizada e capilar. Essa técnica de poder tem as seguintes características principais: o pastor exerce seu poder não sobre um território ou Estado delimitado, mas sobre um rebanho. O que está em jogo aqui é justamente a *relação* entre essas duas partes. O objetivo do pastor é salvar o rebanho. Essa salvação, entretanto, é individual, de modo que são estabelecidas metas tanto coletivas quanto individuais. Tal objetivo requer um exercício de poder constante e individualizado. A vigília cuidadosa do pastor deve ser ca-



paz de abarcar o conjunto sem perder ninguém de vista, conseguindo distinguir as necessidades de todos e de cada um em particular, envolvendo atenção individualizada dentro do conjunto (Michel FOUCAULT, 2008, p.224-229).

A *individualização*, portanto, é uma das principais características desse poder, incorporada em práticas de governo da vida, dos corpos e das condutas. O cristianismo, continuador do judaísmo, aprofundará essa pastoral e esse processo de individualização ao longo da Idade Média de modo lento, porém contínuo. O pastor deve conhecer o que se passa no íntimo de suas ovelhas, daí o motivo para que o poder pastoral tenha dado origem, primeiramente nos monastérios, à prática da confissão, do exame e direção de consciências. A partir da modernidade a Igreja Católica, influenciada pelo espírito do Concílio de Trento, passa a exercer um poder pastoral que concedia um lugar de destaque para a sexualidade. A concupiscência, os pecados da carne, a possessão demoníaca, a vida tortuosa e desregrada eram temas de estudos pastorais. O confessionalário, a partir de então, assume caráter diverso. Primeiramente, a forma de confessar os atos de pecado se modifica. Em particular, as violações sexuais não eram mais para serem descritas em tantos detalhes; falar de sexo só com muita discrição. Por outro lado, se a discrição da sexualidade fora instituída, seu alcance foi ampliado. Falava-se menos, mas confessava-se mais. Não somente os atos, *agora os pensamentos e desejos também eram para ser confessados*. As violações sexuais eram rastreadas dos atos às origens (Michel FOUCAULT, 2006, p.72-80).

Ocorre, portanto, uma mudança significativa. Se antes eram os atos pecaminosos que deveriam ser contados, agora os pensamentos e, particularmente, os desejos recebem atenção. Busca-se conhecer o caráter íntimo, a fonte *ontológica* do pecado. Os atos, afinal, eram simplesmente expressões do caráter. O que se contava era o que se tinha na profundidade de seu ser. E o confessionalário tridentino busca extrair as confissões do desejo pecaminoso. Da gradual revisão do confessionalário católico à crítica da religião de Freud, há uma linha contínua, uma linha envolvendo o desejo sexual como chave para desvendar o mistério da natureza de alguém. Antes, só havia atos para serem contados. Então



algo acontece e há desejos para serem confessados, desejos que não só revelam o que se fez, *mas o que se é*. Em outras palavras “pretendendo explicar um ato”, essas novas técnicas de poder pastoral “não passam de maneiras de qualificar um indivíduo” (Michel FOUCAULT, 1999, p.21) e, portanto de enquadrá-lo e sujeitá-lo.

A partir do século XVIII, Foucault entende que essas técnicas de governo pastorais começam a se organizar em torno de uma racionalidade estatal. A economia e a estatística surgem nesse momento como saberes auxiliares ao Estado, buscando produzir um conhecimento sobre as populações que melhor possibilite governá-las, maximizar suas forças, otimizar sua produção, potencializar sua vida e, ao mesmo tempo, minimizar os riscos, extirpar condutas “indesejáveis” (Michel FOUCAULT, 2008, p.365-371). A ascensão do mundo moderno significa a tentativa de centralização, pelo aparelho do Estado, das técnicas de governo pastorais. Nas sociedades contemporâneas, o jogo “totalização + individualização” passa a ser uma estratégia de Estado, numa conjunção entre a técnica pastoral individualizante com a macropolítica totalizante do Estado. No século XIX, o filósofo aponta que as práticas da psicologia e da psiquiatria se assemelham às do poder pastoral, mas agora ressignificadas pelos deslocamentos de sentido que sofrem no interior de novos saberes como a medicina legal e o direito e em novos espaços disciplinares como o manicômio, a prisão, o hospital, a escola. Esses espaços teriam nos mosteiros, onde se desenvolveram as técnicas e saberes que deram forma ao poder pastoral, seu modelo de funcionamento (Michel FOUCAULT, 2011, p.211). Não é nenhuma surpresa, portanto, que no interior das igrejas e outras instituições contemporâneas, essa modalidade de poder ainda esteja em pleno funcionamento.

PECADO E RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL

A Igreja Católica tem se orgulhado de estar apenas atrás da ONU no papel de maior instituição do mundo a combater em escala global a pandemia de HIV. Recentemente a Igreja divulgou que 25% das pessoas com aids em todo mundo se tratam em alguma instituição católica,



números que chegariam a 50% na África.³Com tamanha responsabilidade, a Igreja tem procurado se aproveitar da situação propiciada pelo alastramento da doença para reiterar determinados princípios morais. Em 2002, os bispos de Angola e São Tomé divulgaram uma mensagem pastoral em que fundamentam esses princípios, e onde afirmam que a aids poderia ser vista como um sinal de Deus:

(...)Não parece ser outro o objectivo daqueles que, para evitar a SIDA⁴ entre jovens, se limitam a recomendar-lhes o preservativo, sem qualquer apelo à sua principal defesa que é a educação da vontade, do autodomínio, da consciência e da responsabilidade. (...)Não queremos partilhar a opinião daqueles que vêem na SIDA um castigo de Deus pela escalada de hedonismo e devassidão sexual, de que muita gente faz hoje o ideal da vida e um negócio lucrativo, de modo particular através da mídia. *Mas partilhamos a certeza de que esta doença deve ser vista como um sério aviso da divina providência para respeitarmos as leis da natureza, não somente a nível ambiental ou ecológico, mas também, e de modo particularíssimo, a nível do nosso corpo, que é a casa sagrada em que todos nós habitamos.* Precisamos de inverter, numa verdadeira curva de cento e oitenta graus, certos comportamentos da nossa sociedade com relação ao sexo.⁵

A African Jesuit AIDS Network(AJAN) está entre as instituições católicas internacionais mais proeminentes nas campanhas de prevenção ao HIV na África Sul-Saariana. Ela foi fundada pela Companhia de Jesus com o objetivo exclusivo de fazer campanhas de prevenção ao HIV. A ação da AJAN baseia-se na produção de vídeos, palestras em escolas e organização de acampamentos para jovens, cujo intuito é informar à população sobre as formas de prevenção ao vírus da aids. Os vídeos selecionados para análise pertencem à série “Youth Videos for Life and Love” (YVLL), que é constituída por curtas-metragens com histórias

³ Igreja Católica é a instituição que mais ajuda os doentes de AIDS no mundo. *Acidigital*. Disponível em:<http://www.acidigital.com/noticia.php?id=20749>. Acesso em: 27 jul.,2016.

⁴ Nas citações angolanas, mantenho a terminologia do país africano. Portanto, utilizo “sida” no lugar de aids, “seropositivo” ao invés de soropositivo e “VIH” ao contrário de HIV.

⁵ A Igreja perante a SIDA – CEAST. *Mh2*. Disponível em: <http://www.mh2.dds.nl/port/sida/ceastsida.htm>. Acesso em 27 jul.,2016. (Grifos do autor.)



baseadas em fatos reais. A criação desses vídeos começou, em 2007, por meio de um concurso nas escolas jesuítas de vários países africanos. Jovens deveriam contar suas experiências em relação ao HIV e enviá-las para a AJAN. As melhores histórias seriam escolhidas para tornarem-se curtas-metragens roteirizadas, produzidos e dirigidos por uma equipe de audiovisual da instituição jesuíta. Passemos, a seguir, para uma análise mais pormenorizada dessa série de curtas-metragens.

No curta “True Love”, conhecemos a história de Lambert e Angela. Os dois são namorados há algum tempo e são muito apaixonados. Subitamente, Lambert recebe uma ótima proposta de emprego num lugar distante, o que o obriga a se mudar para outra cidade, mas ele não dispõe de dinheiro suficiente para se casar e levar Angela com ele. Dessa forma, os dois decidem manter o relacionamento e a fidelidade a distância até o momento em que possam contrair matrimônio. Certo dia, o chefe de Lambert o chama para uma reunião em particular. Ele afirma que o rapaz é um excelente funcionário e que adoraria lhe oferecer uma proposta de sociedade, contanto que ele aceite se casar com sua filha. Lambert fica em dúvida e vai pedir conselhos a um amigo que lhe diz para aceitar a proposta imediatamente. O dilema de Lambert, como não poderia deixar de ser, remete à complexa relação nos países da região entre dinheiro, mulheres e sexo. Nesse sistema, onde ao homem é permitido (legalmente ou socialmente, de acordo com o país) ter mais de uma mulher, o que difere uma esposa/namorada da outra, em alguns casos, é o valor dos bens que o homem oferece a ela.⁶A oferta

⁶ No contexto angolano, nossa pesquisa encontrou situações em que um homem possuía várias namoradas (legalmente a poligamia não é permitida nesse país) e a “hierarquia” entre elas variava de acordo com a quantidade de vezes em que ambos se encontravam e o correspondente valor em dinheiro ou bens que ele ofertava como contrapartida. Por exemplo, conhecemos um caso de um homem de Luanda que tinha a esposa e duas namoradas. A obrigação com a esposa era a maior: sustentar a casa e os filhos. Com a “primeira” namorada, ele se encontrava duas vezes por semana, o que o obrigava a dar mensalmente uma quantia alta de dinheiro a ela. A “segunda” namorada, por sua vez, era uma jovem com quem ele aceitou se encontrar apenas uma vez por mês (ou menos ou mais, de acordo com a situação). Sua obrigação para com ela, portanto, era apenas lhe comprar créditos pré-pagos para o celular a cada encontro. É importante frisar que só ao homem é socialmente tolerado esse tipo de comportamento, mas nada impede que mulheres tenham mais de um parceiro também (o que acontece de fato) e que não possam gozar de status diferenciados com homens diferentes. A mesma mulher pode ser a “terceira” namorada de um homem, mas ser a “primeira” de outro.



do chefe, portanto, é uma proposta que coloca o corpo da própria filha como moeda de troca num acordo com fins econômicos.

Os vídeos da AJAN parecem se incomodar com esse tipo de transação. Nessa história, assim como em outras, o casamento é sempre defendido como originado no amor e não em interesses materiais. Ao final da trama, vemos Lambert voltando para sua cidade antiga e indo encontrar com Angela. Os dois se abraçam e letreiros em letras brancas num fundo preto informam que eles se casaram, mantiveram-se fiéis um ao outro e, como recompensa (divina), encontraram uma proposta de emprego melhor.

Em outros vídeos, a associação entre as más escolhas e o HIV é mais explícita. Em “Learning to wait”, Raymond e Rama são um casal em crise. Ele está cansado de ter que esperar pelo casamento para fazer sexo com a namorada e decide romper o relacionamento. Rama fica consternada com a decisão de Raymond e vai pedir conselhos para sua amiga Mounia. Sexualmente ativa e caracterizada com estereótipos negativos (maquiagem forte e roupas curtas), ela aconselha Rama a fazer sexo com Raymond para não perder o namorado. O jeito arrogante e espalhafatoso de Mounia contrasta com o semblante sério e choroso de Rama. Mounia afirma que já fez sexo várias vezes com seu namorado, que vem a ser o melhor amigo de Raymond. Rama, entretanto, se mantém resoluta em sua decisão de não ceder.

Um tempo depois, Rama e Mounia encontram Raymond. Ele conta para as duas que o namorado de Mounia, seu melhor amigo, foi internado e que foi diagnosticado com aids. O casal se abraça, enquanto Mounia chora desesperada e corre para se esconder da vergonha de provavelmente ser soropositiva. Enquanto aparecem imagens de fundo do casamento entre Raymond e Rama, letreiros com a seguinte mensagem surgem na tela: “A fidelidade ao longo da vida é que salva. Jovens, para salvar a sua vida, resistam às pressões negativas e também se abstenham antes do casamento”.⁷

Outros vídeos reforçam estigmas contra as mulheres sexualmente ativas, retratando-as como vulgares, escandalosas, espalhafatosas e

⁷ Original: “(...) lifelong faithfulness that saves (...) Young people, to save one’s life is to resist negative pressure and also to abstain before marriage”.



criadoras de confusão. Em “The precious pearl”, as antagonistas Nadia e Joddie são caracterizadas precisamente dessa forma. A protagonista, Alice, é uma estudante universitária sonhadora, estudiosa e batalhadora. Tudo que ela conquista é por meio do esforço próprio, diferente das suas colegas de classe Nadia e Joddie. A última consegue regalias do professor da faculdade por usar roupas curtas na sala de aula. Há insinuação de que ela possa ter um caso com o docente. Nadia, enquanto isso, gosta de se gabar por receber dinheiro e créditos no celular dos homens com quem sai. As duas perseguem Alice por ela ser diferente e se manter virgem.

Os antagonistas masculinos da trama são Cheriff e Bello, também colegas de classe de Alice. Ambos tentam se aproveitar dela, cada um de uma maneira. Cheriff é um aluno esforçado e provavelmente terá um futuro brilhante pela frente. Como Alice também é estudiosa e promissora, ele propõe um casamento por interesse entre os dois. A moça recusa por acreditar que um casamento tem que ser baseado no amor. Bello, por sua vez, é um jovem agressivo e mau caráter. Aproveitando-se de um momento em que se encontra sozinho com a protagonista, ele tenta estupra-la, mas ela é salva por uma amiga que chegou ao local a tempo.

Em contraposição aos vilões, há o personagem Alex, o mocinho. Ele é rapaz responsável e estudioso, o que lhe garantiu uma bolsa de estudos na França por três anos, exatamente o tempo que falta para Alice se graduar em Direito. Antes de viajar ele vai até a casa da protagonista e pede a sua mão em casamento para a mãe da moça. Os dois juram compromisso e prometem manter a castidade no tempo em que estiverem separados.

No final da história, Joddie fica grávida do professor, que rejeita assumir o filho. A moça tem que largar a universidade para cuidar da criança e acaba pobre morando numa favela. Nadia descobre que tem HIV e pede perdão para Alice por tudo que fez contra ela. Na cena da reconciliação, Nadia surge com uma aparência bem diferente. Não usa mais roupas decotadas nem maquiagem. Ao invés disso, a moça está com roupas tradicionais africanas e um lenço na cabeça, o que parece indicar arrependimento e o retorno às tradições do passado. No casamento entre Alice e Alex, a mesma alusão à tradição prevalece.



As famílias dos noivos aguardam do lado de fora do quarto dos dois, esperando a noite de núpcias ser concluída com o fim de confirmarem o rompimento do hímen de Alice. A confirmação é recebida com júbilos e gritos de alegria.

Chama atenção a ausência de punição aos homens envolvidos. O professor sai ileso da gravidez indesejada, enquanto Bello não teve que se explicar por tentar forçar Alice a fazer sexo com ele. Abandono do filho e tentativa de estupro parecem incomodar menos os roteiristas da história do que a vida sexual ativa de duas mulheres. Ademais, tanto Bello quanto o professor também são sexualmente ativos, mas nenhum dos dois, diferente das mulheres, recebe algum castigo divino por praticarem sexo.

Quando os filmes propõem desconstruir o estigma contra os soropositivos, o resultado é prejudicado pela insistência em associar pecado e contaminação pelo vírus do HIV. Em “Stigma”, uma adolescente soropositiva que vive num orfanato católico sofre discriminação dos outros internos. Toda vez que chega uma pessoa nova na instituição, os colegas informam ao novato ou novata sobre a condição sorológica da menina e pedem para ninguém se aproximar dela. Um padre, vendo o sofrimento da menina, decide convidá-la para dar uma palestra com o fim de sensibilizar os colegas. Na narrativa de Emily, ela aparece como vítima do pai alcoólatra que, devido ao fato de perder a razão quando consumia álcool, contraiu o HIV numa bebedeira e posteriormente contaminou a mãe, que seria uma boa cristã. Emily nasceu com o vírus em sua corrente sanguínea, não sendo, portanto, “culpada” pela sua contaminação. Uma vez que o curta insiste na “inocência” de Emily (o que justificaria sua aceitação pelos colegas), chega-se à conclusão que as demais formas de contágio diferentes da contaminação vertical⁸ são culpa dos soropositivos, o que reforça o estigma contra eles, o que esse vídeo supostamente deveria estar combatendo. Só depois desse discurso é que os colegas de Emily passam a aceitá-la.

Um grande buraco no roteiro do filme “Stigma” que contradiz a narrativa construída em outros vídeos é o fato da mãe de Emily ter

⁸ Contaminação vertical é como é chamada a forma de contágio da mãe para o filho na gestação ou no parto.



sido uma boa cristã, monogâmica, mas terminar contaminada e morta do mesmo jeito. Ora, não seria essa uma prova involuntária de que a monogamia tradicional cristã não protege contra o HIV?

O poder pastoral, segundo Foucault, é justamente essa forma de poder mais calcada na norma e no cuidado de si, onde o pastor procura governar de forma individualizada e pessoal cada ovelha do seu rebanho. Vemos claramente esse esforço nos vídeos e palestras da AJAN, pois há o cuidado de reforçar as posições da instituição por intermédio de testemunhos e metas pessoais. O sucesso individual de determinados sujeitos é propagandeado como o modelo a ser seguido pelos demais. Por esse motivo a série YVLL é orgulhosamente apresentada como histórias verdadeiras de indivíduos que venceram ou fracassaram devido aos seus méritos ou deméritos pessoais. Aos perdedores, que aceitem carregar a sua cruz, símbolo do seu pecado. A AJAN não só tem o modelo de sucesso a ser seguido, como também tem o modelo de fracasso: o arrependido que usa sua experiência negativa para alertar os outros a respeito dos perigos da vida cheia de pecados.

Esses e outros vídeos da série YVLL estabelecem a ideia de que a aids é “o salário do pecado”.⁹ Ela é a consequência de maus hábitos, más escolhas. Há o livre-arbítrio, mas para cada ato, uma recompensa diferente. Para as mulheres, as consequências parecem piores. Em geral, as mulheres representadas nos curtas ou são personificações de Nossa Senhora, ou seja, puras, batalhadoras, virgens; ou de Eva, seduzindo os homens para entregar o fruto do pecado, cuja consequência é a contaminação pelo HIV. O poder pastoral, portanto, tem como consequência a individualização de um problema que deveria ser discutido e problematizado numa perspectiva pública e social. Para a AJAN, a principal forma de prevenção contra o HIV é o próprio indivíduo governar bem a si mesmo por meio da moral católica tradicional. Não há menções ao papel de instituições como o Estado, organizações da sociedade civil ou mesmo as famílias. Tal perspectiva nos levaria a conclusões problemáticas. Se a aids é uma questão fundamentalmente de autogoverno, então quer dizer que o HIV é um problema maior na África porque os africanos são moralmente mais corrompidos do que o homem branco?

⁹ Romanos 6:23.



Não foi esse justamente um dos argumentos do colonizador ao subjugar o continente? Não estaria, a AJAN, portanto, apenas continuando o discurso racista do imperialismo? E, pior, não estaria esse discurso legitimando o descaso das autoridades públicas de países da África em relação ao HIV?

A seguir, ao analisar a penetração do discurso religioso conservador em campanhas laicas de prevenção ao HIV, pretendo refletir sobre a última questão levantada no parágrafo anterior e demonstrar como essas campanhas reforçam papéis de gênero tradicionais e a consequente feminização da pandemia do HIV na região.

STOP SIDA: MULHERES FORTES E QUE FAZEM SEXO

O programa Stop Sida existe desde 2007 e vai ao ar semanalmente na Televisão Pública de Angola (TPA) desde então. Graças ao sucesso de audiência, atualmente foi remanejado para o horário nobre: segunda-feira, após o principal telejornal daquele canal de televisão. O objetivo de sua criação foi estabelecer um veículo de informação de abrangência nacional no âmbito da prevenção ao HIV. A estrutura do programa se mantém praticamente inalterada nesses quase dez anos de existência. A atração principal é o quadro “Estorieta”, simulação de uma história, supostamente baseada em casos verídicos, onde os personagens enfrentam dilemas morais relacionados ao HIV. Completam o programa o quadro “Câmara na rua”, composto de entrevistas nas ruas de Luanda que coletam as opiniões das pessoas sobre as tramas da “Estorieta”; e as entrevistas concedidas pelos especialistas: médicos, psicólogos, pastores, padres, sociólogos, ativistas. No presente artigo, irei me focar na estrutura narrativa da “Estorieta” e apenas mencionarei outros quadros do programa quando estiverem diretamente relacionados à construção narrativa que investigo. Os programas aqui analisados são, em parte, concessões feitas por funcionários da Walmires Produções quando estive em Luanda meses atrás.

Há grande similaridade entre a estrutura narrativa das histórias retratadas no programa Stop Sida e a série de curtas-metragens católicos “Youth Videos for Life and Love”. Vamos começar a análise do Estorieta pelos contrastes e avanços que ele representa em relação aos curtas-



-metragens católicos da AJAN. Há diferenças importantes. Em primeiro lugar, na atração televisiva angolana, as personagens femininas demonstram personalidade mais forte e insubmissa em determinadas situações. Em segundo lugar, por se tratar de um programa de veiculação nacional, laico e que procura atingir o maior número possível de pessoas, o Stop Sida, diferentemente dos curtas da AJAN, leva ao ar abertamente cenas de beijo, consumo de álcool e até sexo. Não há aqui, como nos vídeos católicos, insinuações. A sexualidade humana (incluindo a feminina) é mostrada em toda sua exuberância, crueza e prazer. Depois de cada beijo, de cada ato sexual, não há arrependimento ou culpa. Esses, por sua vez, só irão aparecer ao final da trama, quando se dá a punição daqueles que se comportaram de um modo que o programa considera inapropriado.

Em “Amor de Mãe”, temos o exemplo da primeira diferença referida no parágrafo anterior, a força das personagens femininas. A protagonista é Clarice, senhora de meia-idade que se vê numa situação difícil quando resolve trazer sua mãe soropositiva para viver com ela em sua casa. Acontece que Melo, o marido da personagem principal, é um homem intolerante, intransigente e preconceituoso. Ele acredita que a filha do casal correria riscos de ser infectada se exposta ao convívio com a avó.

O contraste entre a mulher bem informada sobre as formas de contágio e mais tolerante e aberta; e o homem intransigente e ignorante, marca todo o conflito dessa trama, principalmente a partir do momento em que Melo decide expulsar a sogra de casa. Clarice discute com o marido, mas não consegue manter a mãe em casa. Sem apoio dos irmãos, ela encontra ajuda em sua amiga, que acolhe dona Olga de braços abertos. Entretanto, dias depois, o marido dessa mulher descobre o estado sorológico da mãe de Clarice e também a expulsa de casa.

Em um diálogo revelador, Clarice conversa com a amiga sobre a situação da mãe. A colega da protagonista se diz surpresa com a atitude do marido e afirma que pensa em se divorciar devido à sua intransigência e preconceito. Temos aqui uma clara insubmissão feminina diante do autoritarismo masculino. A ameaça do divórcio jamais apareceria em um vídeo da AJAN. Clarice, por continuar apoiando a mãe, decide ir morar na rua com ela e abandonar o marido e a filha. Ela é seguida por sua



amiga, que cumpre a promessa de deixar seu cônjuge pela forma como ele tratou dona Olga.

Na cena final, as três mulheres estão na floresta, sentadas no chão, vivendo como nômades. Os dois maridos as encontram, enquanto elas se preparavam para acender uma fogueira. Melo pede perdão de joelhos pelo seu erro e diz que fez pesquisas com pessoas entendidas e finalmente compreende que a aids não é transmitida pelo simples convívio entre soropositivos e soronegativos, como ele pensava. O pedido de desculpas é aceito e há o final feliz, quando elas aceitam voltar para casa. Do ponto de vista informativo, essa história contribui muito para o conhecimento do telespectador angolano, principalmente do interior, onde a informação é mais deficiente do que na capital. Ao longo dos dois dias em que a Estorieta “Amor de mãe” foi ao ar, o apresentador do programa, Tomás Ferreira, ao lado de médicos convidados, fez questão de frisar que o contágio pelo HIV não se dá pelo toque ou compartilhamento de copos e talheres. É uma informação importante e crucial para a luta contra a discriminação dos soropositivos e um dos grandes feitos do Stop Sida.

Assim como Clarice, a personagem Jóia, da Estorieta “Autodiscriminação”, é uma mulher que não aceita um “não” como resposta. O namorado dela, Pitó, resolve terminar subitamente o relacionamento sem dar muitas explicações. Jóia percebe que há algo de errado, algum segredo que ele não deseja que ela saiba. Bebeco resolve investigar e acaba descobrindo que o motivo da separação é que Pitó é soropositivo e acredita que sua condição impede que ele tenha uma vida normal ao lado da mulher que ama. O ato dele, portanto, é uma tentativa de libertar Jóia de um relacionamento que a faria sofrer.

Como na Estorieta anterior, repete-se aqui o padrão do homem como aquele que é mal informado sobre a aids. Ele desconhece que, mesmo sendo soropositivo, pode ter uma vida normal ao lado de uma mulher soronegativa, podendo inclusive ter filhos. Cabe a Jóia insistir no relacionamento, procurando demonstrar para Pitó que uma vida conjugal entre eles é possível, desde que sejam tomadas devidas precauções.

O conteúdo dessa Estorieta enfatiza o tema da procriação. Jóia salienta em diversas ocasiões, tanto para Pitó quanto para outros perso-



nagens envolvidos na trama, que o vírus do HIV está presente no sêmen, mas não nos espermatozoides, o que viabilizaria a gestação de filhos soronegativos. A médica Ana Lídia Sangongo, convidada para comentar no programa daquela noite, afirma em entrevista que sorodiscordantes poderiam ter um relacionamento normal, uma vez que ter filhos saudáveis era possível. Segundo ela, “todo relacionamento conjugal tem como fim a procriação”, mas a aids não era capaz de tolher de nenhum casal nessa situação o desejo de serem pais.

Depois de várias idas e vindas, Pitó finalmente cede às investidas de Jóia e aceita reatar o relacionamento. Semelhantemente à Estorieta “Amor de mãe”, uma mulher mais bem informada com relação à aids dissuade um homem indouto e intransigente. Não se trata de mera coincidência. As entrevistas que venho realizando com ativistas da luta contra o HIV em Angola atestam que as mulheres são mais ativas na militância preventiva à aids. Elas também se comportam de maneira mais centrada quando descobrem que são soropositivas. Alguns homens angolanos tendem a se considerar super-homens, imunes às doenças. É comum que muitos deles não aceitem que estão infectados e se recusem a fazer tratamento. Assim sendo, a maioria dos sobreviventes angolanos que foram infectados há mais de dez anos são mulheres. Paradoxalmente, o machismo torna os homens mais vulneráveis à morte, pois eles são mais propensos a negar para si mesmos sua infecção, bem como a negligenciar o tratamento por se considerarem mais fortes que o vírus.

As duas Estorietas previamente exploradas podem ser lidas como uma ode à força da mulher angolana e ao seu protagonismo na luta contra o HIV no país. Jóia e Clarice são mulheres que enfrentam a arrogância e empáfia de homens que creditam valores a si mesmos unicamente por serem homens, o que, para eles, já é suficiente para que estejam certos. São as mulheres da história que estão atentas às descobertas da ciência. São elas que são mais sensíveis ao problema da discriminação e aos Direitos Humanos. São elas, mais uma vez, que precisam educar e sensibilizar uma sociedade brutalizada por anos de guerra civil.

Todavia, ressalvas importantes precisam ser feitas. Nos dois casos, o tema debatido pelos programas é a discriminação e não a prevenção. Veremos a seguir que o Stop Sida aborda esses dois assuntos de ma-



neira bastante desigual. Em relação à prevenção, as tramas do quadro Estorieta são críticas às mulheres que vivem sua sexualidade livremente. Ademais, é significativo frisar que tanto Jóia quanto Clarice lutam contra seus companheiros por motivos familiares. Clarice batalha pela sua mãe, enquanto Jóia batalha para casar e ter um filho. Nos dois casos, é a maternidade que está em questão. Ou seja, o programa encoraja mulheres rebeldes e insubmissas quando elas estão engajadas na manutenção e unidade da família e no direito (sagrado) de serem mães. Quando a rudeza masculina ameaça destruir a sensibilidade que nutre e alimenta o seio familiar, a mulher não deve ter medo de enfrentar o despotismo e a ignorância dos homens. Trata-se, em suma, de uma reafirmação de um papel tradicional da mulher.

ENTRE JEZABEL E VIRGEM MARIA

Quando as mulheres lidam com o prazer e a liberdade de escolha sexual, as “Estorietas” inclinam-se para uma postura bem mais conservadora. Enquanto Clarice e Jóia são mulheres cuja independência e insubordinação são louvadas como exemplos a serem seguidos, nos programas focados na prevenção ao HIV, as personagens femininas ou são caracterizadas como a vilã bíblica Jezabel¹⁰ ou como a personificação de Virgem Maria. Via de regra, há um embate entre esses dois arquétipos ao longo da trama, cujo desfecho costuma ser a punição da primeira e a vitória (mesmo que seja apenas uma vitória moral) da última. Pode ocorrer de um enredo focar unicamente em um desses dois arquétipos, com desfechos similares. Tal esquema narrativo adapta-se à mensagem que se quer passar para o público. Há no “Stop Sida” uma

¹⁰ Jezabel é uma personagem bastante célebre do Antigo Testamento. Ela foi esposa do rei Acabe e ficou conhecida por manter, mesmo após o casamento, a religião politeísta fenícia e não se curvar ao monoteísmo da família e do país do marido. Graças ao fato dela não aceitar o papel tradicional e submisso que uma mulher deveria ter e por ter lutado para manter sua cultura em um meio hostil, a personagem foi, ao longo do tempo, demonizada como “megera”, “promíscua” e “idólatra” por certa tradição cristã. Com o tempo, o nome Jezabel passou a ser associado a uma mulher pagã, apóstata, que usa a manipulação e a sedução para enganar os santos de Deus (homens cristãos) em pecados de imoralidade, idolatria e sexualidade. Tornou-se o símbolo do suposto perigo que representa a independência ou liderança das mulheres sobre os homens. É comum os religiosos conservadores usarem a expressão “espírito de Jezabel” para se referirem à insubordinação feminina.



inconfundível ânsia de concluir cada história com uma “moral da história”. A narrativa segue um fio condutor que desemboca numa lição de moral ao espectador. Tudo é pensado a partir desse prisma apostolar e moralizador. Em termos foucaultianos, o programa funciona como o pastor e os telespectadores como as ovelhas. O objetivo do programa é, nada menos, que salvar os telespectadores. Para tanto, como qualquer poder pastoral, estabelecem-se metas coletivas e que abarquem o individual, de modo que a salvação é obtida se cada meta coletiva e individual for cumprida. No caso, a meta é estabelecer as práticas sexuais e performances de gênero saudáveis. O resultado esperado é a não contaminação pelo vírus da aids e, quando não for possível, uma vitória moral sobre a doença e sobre a promiscuidade da sociedade.

Podemos ver esse intuito, por exemplo, na Estorieta “Os perigos do sexo oral”. Antes da apresentação da história, o apresentador Tomás Ferreira lança a seguinte pergunta:

Como deve se proteger contra as doenças da transmissão sexual? a) usando a pílula do controlo da natalidade? b) Não tendo relações sexuais? c) Fazendo o coito interrompido/ejaculando fora? d) utilizando o preservativo? e) ou fazer sexo oral apenas?

A história de duas amigas cuja atitude diante do sexo foi diferente pretende responder essa questão. Domingas e Rosa namoram dois rapazes que insistem em fazer sexo com elas. Enquanto a primeira se recusa terminantemente a realizar o ato sexual, a segunda pratica sexo oral. Meses se passam e o espectador reencontra as personagens em um consultório médico. Rosa parece abatida e é amparada por Domingas. O clínico geral pergunta se ela já fez sexo oral alguma vez sem preservativos. Rosa questiona se é necessário usar camisinha também no sexo oral. Ele diz que sim e afirma a seguir: “Pois é, minha jovem, você contraiu herpes labial”. Pausa para a cara séria do médico. “O HPV é uma infecção provocada por um vírus oportunista. (...) E tal como a Sida, também ainda não tem cura.” Outra pausa dramática. “Mas vai seguir as minhas orientações e tome os medicamentos. Vai correr tudo bem.” A câmera foca o rosto consternado de Rosa, que leva a mão aos lábios que estão cheios de feridas, enquanto observa desolada a receita



médica que está em sua outra mão. O apresentador do programa, Tomás Ferreira, complementa: “A Domingas escolheu a resposta da linha B. Não teve relações sexuais porque não estava preparada. Já a Rosa, escolheu a linha E e fez sexo oral, e contraiu uma doença de transmissão sexual. E a tua resposta, qual será?”

Na terceira seção da introdução de seu *O uso dos Prazeres* (Michel FOUCAULT, 2006b, pp.26-27), Foucault aponta que a moral seria constituída tanto pelo código moral vigente quanto pelas ações concretas dos sujeitos morais. A primeira seria constituída pelos valores e regras formulados e recomendados aos sujeitos pelas *agências prescritivas* (família, igreja, trabalho, instituições educativas etc.) da qual eles fazem parte. O programa “Stop Sida”, enquanto encarregado de pastorear os telespectadores, funciona como um veiculador de códigos morais de diversas agências prescritivas da sociedade angolana. Os interesses da família monogâmica, das igrejas, da medicina e do próprio Estado angolano, estão todos representados no programa, como veremos a seguir.

Rosa assemelha-se com Tininha, a protagonista da Estorieta “A infecção”. A trama se inicia com Tininha apresentando os sintomas da aids: dores, febre, fraqueza e diarreia. A personagem liga para sua amiga Luana pedindo ajuda e é levada para o hospital. Após uma bateria de testes que resultam sempre negativos, a médica decide realizar o teste do HIV. Depois de um tempo, as duas amigas retornam ao consultório para receberem o resultado do exame. O apresentador do programa, Tomás Ferreira prossegue:

Tininha já recebeu o resultado do VIH e parece que as notícias não são boas. Mas vamos fazer o seguinte. Ao invés de acompanharmos a vida da Tininha no presente, que tal recuarmos um pouquinho no passado. (...) Ver como é que Tininha se comportava. Os cuidados que ela tinha em relação à prevenção do VIH. Fidelidade, sexo, etc. (...) É que depois disso já vamos ter uma idéia sobre o diagnóstico do teste de VIH que ela acabou de fazer.

O recurso narrativo aqui adotado é diferente de outros programas do Stop Sida. Parte-se já da conclusão da história. Tininha tem HIV no presente e não há muito que possa ser feito sobre isso. Uma vez que



aconteceu a infecção, é preciso perscrutar qual comportamento de risco o infectado possuía para que se possa culpá-lo do pecado apropriado e fazê-lo confessar seus atos. A confissão não é arrancada no confessional de uma igreja, mas no consultório médico. Não apenas Tininha como várias personagens de outras Estorietas defrontam-se com a derradeira cena onde são confrontadas pelo médico sobre sua vida sexual pregressa. É comum que, nessa situação, a mulher promíscua e infectada seja amparada por uma amiga ou familiar de vida sexual monogâmica ou casta. O contraste entre os dois protótipos incita o telespectador a escolher qual dos dois caminhos apresentados ele quer seguir, quem ele prefere ser: o soropositivo inconsolável ou o consolador saudável? É como se as narrativas do Stop Sida nos dissessem que, uma hora ou outra, todos nós iremos obrigatoriamente parar no consultório médico para prestar contas dos nossos atos. Mas enquanto alguns terão de explicar o porquê de terem contraído aids ou outra DST, outros serão, por sua conduta moral supostamente superior, aqueles que poderão vangloriar-se de serem saudáveis e puros.

Foucault (Michel FOUCAULT, 2006, p.72-80) afirma que a ciência do sexo (aquilo que o ocidente criou para regular o sexo, separando o normal do patológico) precisa da confissão como técnica terapêutica para ser eficiente. O profissional busca rastrear não só os atos, mas os pensamentos, desejos e intenções. A reconstituição do passado de Tininha, conseqüentemente, não se satisfaz em mostrar as ações que ela praticava, mas também em revelar os seus *desejos* e pensamentos mundanos que estariam por trás dessas ações. Tininha, em oposição a Luana, deseja melhorar sua condição social, é ambiciosa e usa o sexo para isso. A ambição material, portanto, seria a *origem ontológica do mal* e a diferença dela para Luana.

O contraste entre Tininha e Luana é, a seguir, explorado nos *flashbacks* que reconstituem o passado de ambas. Tininha faz sexo com vários homens, ora por prazer, ora em troca de bens materiais, e o enredo insiste em condenar tais atitudes. Luana censura os atos da amiga o tempo todo. Numa cena em que ambas conversam em um quarto, Tininha explica seu estilo de vida: “Eu saio com homens diferentes porque eu gosto. Porque eu me sinto bem. Me sinto mais mulher. Entendeu?”



Luana, depois de repreender a amiga pela falta de valores morais, complementa: “Tu é quem sabes. Só não digas que não te avisei. Depois não te arrependas”. O apresentador Tomás Ferreira interrompe a simulação da história para dizer: “Deu para ter uma idéia da vidinha da Tininha? Nesse andar, até eu sei qual foi o diagnóstico, afinal, a infidelidade com parceiros múltiplos é o caminho certo e rápido para se ter um encontro casual com o vírus da sida”.

Antes da atração retornar para a história de Tininha, é veiculada a entrevista do médico Antônio Feijó, do Hospital Esperança.¹¹ Ele afirma que os comportamentos corretos para se defender do HIV seriam a abstinência, a fidelidade conjugal e o uso de preservativos. Fora dessas três opções, qualquer comportamento seria de risco. Ferreira arremata: “(...) constatamos comportamentos de risco bastante graves. A Tininha, entre outras coisas, fez uma combinação considerada mortal em termos de comportamento de risco: infidelidade mais sexo sem preservativo”.

Voltamos mais uma vez para o passado de Tininha. Dessa vez, as duas amigas discutem no ambiente de trabalho. Luana vai até a sala de Tininha para saber se é verdade o rumor de que ela teria um caso com o diretor dos Recursos Humanos da empresa. Tininha confirma e Luana diz que ela deve ter cuidado, pois ele teria fama de sair com mulheres e depois descartá-las quando delas se cansava. Tininha diz que não está apaixonada e que não quer casar-se com ele. O que os dois tinham seria uma consentida relação de permuta com prazo predeterminado. O acordo estabelecia dois meses de relacionamento em troca de um carro. Luana se choca com a sinceridade de Tininha e a acusa de estar se vendendo por um carro e diz que ela deveria valer mais do que isso. Tininha responde que está naquela relação por prazer sexual e porque quer o carro. Para ela, esses motivos bastam. Tomás Ferreira conclui o programa: “Dinheiro nenhum comprará a honra. Na verdade, há coisas que têm que ser preservadas. Sem elas a vida deixa de ter sentido. E a honra é uma delas”.

Apesar de vilipendiada pelo roteiro, Tininha é uma personagem bastante rica. Ela ousa dizer que faz sexo por prazer e que escolhe os parceiros que deseja, relacionando-se com eles de igual para igual.

¹¹ Hospital referência no tratamento ao HIV, em Angola.



O envolvimento de Tininha com o diretor dos Recursos Humanos da empresa não deve ser visto simplesmente como mera prostituição e exploração de um homem sobre uma mulher. Tininha se coloca de igual para igual nessa relação. Ela entende perfeitamente bem as implicações e condições da ligação com seu colega de trabalho. É verdade que muitas mulheres em Angola se prostituem para fugirem da fome e ajudarem suas famílias (Adriana de Araújo PINHO, 2012), mas não é esse o caso da personagem. Ela foi caracterizada como uma mulher de classe média com ambições e que usa o sexo com diferentes fins, desde o prazer até a obtenção de bens materiais. A extração da confissão no consultório médico, ao revelar a origem ontológica do “pecado” de Tininha, a ambição por dinheiro e prazer, pretende não apenas mudar o comportamento das pessoas, mas demonstrar que as ações não serão transformadas se o *desejo pecaminoso*(a origem do mal) permanecer.

Uma vez que o poder pastoral é um mecanismo individualizador, ou seja, que procura governar o todo de forma capilar e individualizada, quando o problema da aids é enfrentado sob suas técnicas, a resposta para o dilema passa a ser enxergada como uma questão privada. Cada um é responsável única e exclusivamente por si só. O Estado e o governo acabam absolvidos por não proporem políticas públicas que enfrentem a pandemia nos seus aspectos socioeconômicos. Não se fala, por exemplo, sobre a contribuição do patriarcado para a disseminação do vírus. Diferente de Tininha, muitas meninas em Angola não têm a opção de recusarem a prostituição. Mas nenhuma Estorieta com a qual tive contato tocou na questão da relação entre prostituição, fome e disseminação do HIV. E isso acontece porque não haveria como responsabilizar individualmente uma criança de 12 anos de idade que é obrigada a se prostituir, para se alimentar, de ser culpada por ser soropositiva. É mais fácil e cômodo para o programa colocar como protagonistas mulheres de classe média de Luanda, que possuem maior poder de escolha. Isso nos leva de volta à questão das agências prescritivas por trás do Stop Sida. O programa nada mais é do que um catalisador das ações de certas agências prescritivas, notadamente as igrejas, a família patriarcal, a medicina e o Estado.

O casamento monogâmico, por exemplo, está no centro da maioria das Estorietas e a sua falta de solidez, segundo as narrativas do



programa, abriria a brecha necessária para o HIV penetrar no seio familiar e fazê-lo ruir definitivamente. Em “Infidelidade Extrema”, temos o melhor exemplo dessa hipótese. O casal Ricardo e Natasha tinha uma vida conjugal feliz e perfeita até o aparecimento de Vani, a mulher que se torna amante de Ricardo. Tal qual Tininha, Vani é descrita como uma alpinista social. Ela finge ser uma moça honesta e estudiosa, mas na verdade está apenas interessada no dinheiro de Ricardo, além de ter vários amantes. Graças às maquinações de Vani, Ricardo decide se divorciar de Natasha para se casar com ela.

Em contraste ao perfil “jezabélico” de Vani, Natasha é praticamente uma santa. Vai à igreja todos os domingos, é compreensiva, amorosa, misericordiosa, e nunca desiste da família. A partir do momento que sabe que o marido deseja a separação, Natasha chora o tempo todo e não esboça raiva, apenas tristeza. Ricardo, por sua vez, é o arquétipo do homem fraco que, tal qual o rei Acabe da Bíblia, sucumbe às vontades de uma mulher mandona e promíscua. Também como a rainha fenícia, Vani tem um final trágico. Em uma das ocasiões em que se encontra com o amante com quem trai Ricardo, ela encontra um recipiente com comprimidos antirretrovirais e decide confrontar o namorado: “É impressão minha ou estes são antirretrovirais? (...) porque tu tens isso na sua casa?” O amante dá um sorriso e diz que agora ela já sabe da verdade: “Foram bandidas como tu que me infectaram. Pensas que eu não sei que o teu interesse por mim era apenas pelo meu dinheiro? (...) Agora estamos quites. Quer o dinheiro? Mas leva a minha sida também!”

A aids assume aqui quase um status de entidade metafísica que se aproveita de alguma fragilidade no matrimônio para penetrar no seio dos lares. Não é como se a doença fosse só um castigo de Deus, mas também um ente maligno independente que invade a vida de quem lhe dá uma oportunidade. Graças às brechas abertas por Ricardo, devido à sua infidelidade e por se submeter aos caprichos da amante, uma mulher mundana e ambiciosa, a aids entranhou-se para dentro de mais uma família, infectando tanto Vani, quanto Ricardo e Natasha. Voltamos mais uma vez à ideia do pecado não como mera ação, mas como originado no desejo secreto de ascensão social. Assim como Tininha, a origem ontológica do pecado de Vani é a cobiça.



Na cena final, vemos as três personagens no hospital esperando seus resultados do teste de HIV. Natasha decide ignorar Ricardo e se dirige a Vani, dizendo que vai rezar por ela e que espera que Deus a perdoe por tudo que ela fez. Vani está toda machucada por ter sido espancada por Ricardo depois que confessou que tinha um amante de quem contraiu o HIV. Natasha vai embora do hospital de queixo erguido, como que dizendo que o amor e o perdão que ela carrega dentro de si representam a vitória moral sobre os pecados do ex-marido e da amante dele. Mais uma vez, o hospital funciona como o local de confissão das ações e pensamentos das três personagens. Vani é culpada pelo pecado da cobiça. Ricardo é culpado pela luxúria. Só Natasha é inocente.

Essa peculiar Estorieta tem alguns pontos a serem explorados. A trama parece reforçar a ideia de que os homens precisam ser fortes e dominadores para que a sociedade funcione perfeitamente. A personalidade submissa de Ricardo é crucial para que a aids termine por infectar a todos. Ele apenas recupera seu status de macho dominante quando descobre a verdade e espanca Vani, crime que fica impune, como se a personagem merecesse sofrer violência. O amante de Vani, como é comum acontecer com os homens nas Estorietas, não recebe nenhuma punição pela prática de contaminação dolosa, um crime grave contra os Direitos Humanos. Sua função na história é simplesmente servir como o instrumento de surpresa narrativa e enviar a mensagem de que não importa o quanto você seja esperto, a aids será mais esperta que você. Só existe uma forma eficaz de se proteger: um casamento sólido, firme como uma rocha, sem nenhuma brecha por onde o vírus possa entrar. Tamanha solidez exige condutas éticas tais quais: homens fortes e dominantes, mulheres recatadas, monogamia estrita e valores espirituais, como amor, compaixão, perdão, união em família e fidelidade.

Para reforçar o último ponto, o Stop Sida convidou diversas vezes padres e pastores para concederem entrevistas. No mesmo programa em que foi ao ar a história de Natasha, Vani e Ricardo, o pastor Adilson de Almeida, da Igreja Metodista Unida de Luanda, deu a seguinte declaração:

(...) Falar de fidelidade e infidelidade é sempre voltar àquilo que nós consideraríamos uma *medicina preventiva* e não necessariamente uma



medicina curativa, pois sabemos que é com base na fidelidade que temos em relação ao parceiro ou à parceira com quem vivemos que podemos *prevenir determinadas conseqüências como o HIV/sida e todas as outras DSTs que nós conhecemos. (...) E a palavra em si também está um pouco relacionada com aquilo que nós chamaríamos tanto uma vida casta, uma vida separada, uma vida de verdade, em relação a viver uma vida de prostituição (...) E prostituição é qualquer ação que leva muitas vezes, até por causa do ciúme, à morte, à violência, e outras práticas. (...) Deixa-me dizer que a fidelidade não é um ato para que o rei veja. É uma ação do indivíduo. Você sozinho que tem que ter consciência da necessidade de ser fiel. (...) E quanto mais fiéis aos patrões, mais fiéis às esposas, mais fiéis aos filhos, mais fiéis e mais verdadeiros naquilo que fazemos, teremos um futuro garantido.*¹²

Nessa declaração, encontram-se resumidos os principais tópicos referentes ao discurso moral sustentado pelo Stop Sida e que correspondem às agências prescritivas já citadas: família, igrejas, medicina e Estado. Primeiramente, a defesa incondicional do matrimônio monogâmico como profilaxia contra a aids. Em segundo lugar, a argumentação de que a prevenção é, acima de tudo, um ato individual de cada pessoa e não um problema a ser discutido socialmente e no nível de Estado e governo. É interessante notar que o pastor Almeida frisa que a fidelidade não é algo que apenas se demonstra publicamente (“não é um ato para que o rei veja”), mas sim “uma ação do indivíduo”, ou seja, é uma regra moral, acima de tudo, de si para consigo mesmo. Foucault chama a isso de “tecnologias de si” (Michel FOUCAULT, 1995, p.264). Poderíamos entender as tecnologias de si como a prática (interior e exterior) da nossa ética (interna). Sendo a ética o conjunto de normas para produzir um tipo particular de pessoa; as tecnologias de si seriam como o sujeito pensa e age para alcançar o objetivo almejado. “Você sozinho que tem que ter consciência da necessidade de ser fiel”, ou seja, a técnica pastoral almeja que o próprio sujeito vigie a si mesmo. O dever de se proteger da aids fica, portanto, a cargo do autogoverno e do governo dos sujeitos sobre os entes próximos.

¹² Grifos do autor.



Por último, a fala do pastor vai ao encontro da proposta do programa de fundir a prevenção ao HIV com a obediência civil (“fiéis aos patrões... às esposas... aos filhos”). Financiada pelo governo, a atração sempre se esquia de criticar as falhas do último no combate ao HIV. A prostituição infantil,¹³ uma das principais causas do alastramento do vírus (REPÚBLICA DE ANGOLA, 2014), bem como a ineficiência e/ou falta de vontade do governo em combatê-la, não são abordadas pelo programa. De acordo com o ex-representante da Onusida¹⁴ em Angola, Bilali Kamara, o governo mente sobre os dados do HIV no país, e a taxa de 2,5% de infectados poderia representar apenas 5% dos casos reais. E mais: apenas 30% dos soropositivos receberiam o tratamento com antirretrovirais. Os outros 70% estariam morrendo à própria sorte.¹⁵

A narrativa individualizadora do programa ajuda a manter a população sem reivindicar medidas eficazes de prevenção por parte do governo e com a atenção voltada para a desconfiança moral em relação a si mesma. Se a contínua ameaça do HIV é uma questão ética pessoal e familiar, a saída para ela envolve uma vigilância de si mesmo, dos parentes e dos vizinhos. Como qualquer pessoa pode estar infectada, é necessário cuidado redobrado com os perigos que os outros representam. Em “Nem tudo que parece é...”, por exemplo, exorta-se o espectador a desconfiar da aparência das pessoas. A trama tem como protagonista a jovem Naiol. A primeira cena da personagem é na porta de uma igreja, no que parece o fim de uma grande missa. Naiol deixa o templo andando com uma Bíblia colada ao peito. Chegando à praça, ela se encontra com Zito, rapaz que a espera. Ele é um homem gago, tímido e espera por Naiol todos os dias após a missa. A cena se repete várias vezes, com Zito insistindo em cortejar Naiol à moda antiga. Ela resiste várias vezes, mas pensa nele na hora de rezar todos os dias antes de dormir.

¹³ Fenómeno “Prostituição infantil” aumenta no país – diz INAC. *Angop – Agência Angola Press*. Disponível em: http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2011/5/26/Fenomeno-Prostituicao-infantil-aumenta-pais-diz-INAC,274bc58c-9b9d-4545-95e3-ef178a9d1122.html. Acesso em 7 nov., 2016.

¹⁴ Órgão da ONU que combate o HIV no país.

¹⁵ Angola mente sobre números da SIDA, diz ex-trabalhador da ONUSIDA. *Voa Português*. Disponível em: <http://www.voaportugues.com/a/angola-mente-sobre-numeros-da-sida-diz-ex-trabalhador-da-onusida/1702230.html>. Acesso em 12 out., 2016.



Aos poucos, Naiol vai cedendo aos encantos de Zito. Ele é extremamente romântico, paciente com a resistência da moça e parece muito bem-intencionado. Quando finalmente o rapaz consegue o primeiro beijo, a trama passa por um ponto de giro. Enquanto Naiol está apaixonada e confiante em ter encontrado o amor dos seus sonhos, uma conversa entre Zito e seus amigos revela ao espectador que ele apenas deseja ter relações sexuais com ela para depois descartá-la. O homem romântico e gago não passa de uma farsa que ele criou para enganá-la.

Dias depois, ele convence Naiol a passear com ele de moto. O rapaz a leva para o mato, onde tenta estuprá-la. Ela consegue fugir mas, ao tentar cruzar uma estrada, acaba atropelada por um carro. Zito foge sem prestar socorro à vítima. A simulação da Estorieta se encerra aqui. Letreiros informam o desfecho da história. Zito aparentemente se arrepende do que fez e vai visitar Naiol no hospital. Pesa sobre ele uma acusação de estupro, mas não ficamos informados se ele foi preso. Naiol fica quinze dias internada, antes de receber alta. Um tempo depois, Zito faz um teste de HIV e descobre ser soropositivo.

A conclusão dessa Estorieta é curiosa sob vários aspectos. Há aqui um raro caso de punição a um personagem masculino. Zito é infectado pelo HIV e ainda é acusado de estupro. Temos, de um lado, o castigo divino (a doença) e, de outro, o castigo terreno (o poder judiciário). Porém, não é contingência que só o primeiro seja real e efetivo. No segundo caso, há apenas uma acusação, cuja conclusão é incerta. Ao concluir a trama dessa forma, a narrativa conduz o espectador a contentar-se com a punição divina e não reivindicar a condenação no nível do Estado. Da mesma forma, estar infectado pelo HIV não vai impedir Zito de continuar fazendo as mesmas coisas que fazia, com a diferença de que ele pode infectar mulheres sabendo de sua condição sorológica. Para homens de classe média (e todos os personagens das Estorietas são dessa camada social), o HIV não tem nem de longe o mesmo impacto que tem para as mulheres. É principalmente sobre elas que recai o estigma da promiscuidade, da vida devassa e da culpabilização. Naiol, apesar de ser a vítima da história, também foi punida por não se comportar como uma boa cristã. Ao sair da igreja todos os dias e ir se encontrar com Zito, ela desvirtuou o sentido cristão de frequentar a



missa. A tentativa de estupro, o atropelamento e os dias de internação são a consequência de sua negligência espiritual. Até mesmo uma boa cristã e pessoa de bem não está imune ao perigo da aids, pois a doença, assim como o diabo, assume diversas formas, inclusive a aparência de um homem bonito e gentil. Funcionando mais uma vez como um inquisidor que procura rastrear a origem ontológica do pecado, a narrativa do programa parece apontar que o pecado de Naiol foi sua cobiça pela aparência bonita de Zito.

Naiol, assim como a personagem Natasha de “Infidelidade ao extremo”, são exemplos de cristãs que tiveram suas vidas abaladas pela aids. Naiol escapou por pouco, mas Natasha não teve a mesma sorte. As histórias de ambas, principalmente da última, assemelham-se com a vida da mãe de Emily, protagonista do curta-metragem “Stigma”. São mulheres que, a despeito de possuírem conduta cristã irrepreensível, acabaram tocadas pelo vírus da aids. No caso de Natasha, há certo cinismo dos roteiristas. A monogamia e a devoção religiosa, tão defendidas pelo programa, não foram capazes de impedir a sua contaminação. A saída encontrada foi colocá-la como uma mulher moralmente superior que vai saber carregar a sua cruz. É uma mensagem de resignação para com as pessoas religiosas e monogâmicas que são cada vez mais infectadas no país (Adriana de Araújo PINHO, 2012). Mais uma vez, o programa reitera a passividade diante da realidade que não conseguem explicar ou modificar. Todos devem seguir a conduta sexual prescrita pela atração e caso essa medida não funcione para proteger-se do HIV, que cada um carregue sua cruz sem questionar os motivos do insucesso. Sem questionar Deus, sem questionar o Estado, sem questionar a Igreja. O indivíduo só deve questionar a si próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vista de modo geral, a série Youth Videos for Life and Love produz um discurso relativamente homogêneo: a mulher recatada é recompensada por Deus com um casamento, enquanto a mulher sexualmente ativa se torna soropositiva; o álcool e determinadas drogas ilegais são tidos como um veículo de distúrbio social que leva as pessoas a abandonarem a monogamia; só o sexo dentro do casamento pode prevenir



o contágio; a aids é um castigo divino pelo pecado individual das pessoas; as crianças soropositivas que foram infectadas no parto são as únicas “vítimas inocentes” da aids; não há menção alguma, positiva ou negativa, ao uso de preservativos, como se essa possibilidade simplesmente não existisse.

O quadro “Estorieta”, do programa financiado pelo governo angolano Stop Sida, segue premissa bastante similar. Com exceção do uso do preservativo, medida apoiada pelo programa, todos os outros pontos defendidos pelos curtas-metragens da AJAN reaparecem na atração televisiva angolana. O programa, entretanto, avança para outras frentes. Ele foca convenientemente em personagens femininas de classe média da capital angolana, ignorando a situação de mulheres que não têm a possibilidade de escolha. Entretanto, ao demonizar a liberdade de escolha sexual das mulheres de classe média, contribui para aumentar o preconceito contra todas as mulheres (de qualquer classe social), uma vez que as narrativas as colocam como pessoas cuja cobiça por bens materiais foi a responsável pela sua contaminação.

O discurso religioso conservador se mantém intacto, apenas com terminologias secularizadas. Ao invés da palavra pecado, fala-se em imoralidade ou irresponsabilidade. Ao invés do castigo divino, o “destino” (expressão usada pelo apresentador Tomás Ferreira) trata de “corrigir” o personagem que tem “a vida torta”. Quando o personagem é religioso, ou ele recebe algum tipo de recompensa por ter mantido a fé ou é retratado como vítima de uma sociedade imoral e corrupta. Entretanto, mesmo com uma terminologia secularizada, o Stop Sida funciona no mesmo esquema pastoral apontado por Foucault: ele estabelece metas individuais para a salvação, separa o comportamento esperado do desviante e instaura o confessionário (o consultório médico) como o local de extração da verdade, onde a fonte ontológica do pecado será descoberta e exposta e o caráter do pecador revelado.

Confirmando a tese de Foucault, de que as práticas da medicina são herdeiras do poder pastoral e que, portanto, os hospitais têm como modelo de funcionamento os antigos mosteiros, percebemos em quase todos os vídeos o consultório médico como o local de extração da verdade. É onde o personagem de conduta duvidosa deve confessar a



verdade do seu eu, reconhecer sua culpa diante do médico e diante do amigo ou parente que o acompanha. Esse acompanhante tem uma dupla função. Primeiramente, ele é a prova de que o comportamento do infectado é a causa da sua sina, uma vez que essa pessoa está saudável e, em geral, tem um estilo de vida oposto à do indivíduo contaminado. Em segundo lugar, o acompanhante serve como testemunha da confissão do soropositivo. É diante dele e do médico (que assume também papel de juiz e de pastor) que o infectado deve admitir seu comportamento de risco: “Não usei camisinha”, “Não fui fiel”, “Não fui cuidadoso” etc.

A presença dos pastores e padres convidados para entrevistas no programa se adéqua perfeitamente ao comparecimento de outros profissionais convocados. Médicos, sociólogos, psicólogos, entre outros, convergem com as opiniões dos clérigos. A médica Ana Lídia Sangongo, por exemplo, afirmou no programa em que foi veiculada a Estorieta “Auto-discriminação” que o casamento serve basicamente para procriação, enquanto o pastor Adilson de Almeida, no programa que levou ao ar a Estorieta “Infidelidade extrema”, chamou a fidelidade conjugal de “medicina preventiva”. Medicina e religião aqui se complementam na tentativa de produzirem sujeitos culpados e domesticados. Reforçam o papel do indivíduo na luta contra o HIV e silenciam sobre a ação do Estado, do governo e da sociedade como um todo. Silenciam sobre as normas de gênero que impõem virilidade aos homens e colocam sobre as mulheres o peso de terem que usar seu corpo e o sexo como forma de sobrevivência. Também silenciam sobre a contaminação dolosa, ou seja, quando se infecta outra pessoa propositadamente. A regulamentação da Lei 8/04, chamada de Lei do VIH, estabelece a punição para esse tipo de crime, mas nunca foi regulamentada por falta de interesse do governo angolano.¹⁶ Nenhum padre, pastor, médico, ou qualquer entrevistado, nem mesmo o apresentador do programa, fizeram qualquer crítica contundente a esse fato. Preferem se preocupar com a quantidade de parceiros sexuais dos telespectadores.

¹⁶ Statment sobre a situação dos defensores de Direitos Humanos da AJPD submetida na 51ª sessão ordinária da Comissão Africana. *Club-K*. Disponível em: http://www.club-k.net/index.php?option=com_content&view=article&id=11125:posicao-da-ajpd-sobre-os-direitos-sobre-hivs-ida&catid=2:sociedade&Itemid=88&lang=pt. Acesso em: 7 nov., 2016.



A ignorância e/ou silenciamento sobre a conexão entre o sexismo e práticas sexuais misóginas e a etiologia da aids comprometem seriamente a eficácia das estratégias de prevenção que enfatizam, acima de tudo, a medicação, a camisinha ou a ética individual. As atitudes masculinas relacionadas à virilidade e aos seus privilégios patriarcais, como o direito de dominar suas parceiras sexuais, não são influenciadas pela medicação e nem sempre estão vinculadas ao uso do preservativo. Torna-se imperioso educar as pessoas sobre o papel do sexismo e da dominação masculina na propagação da aids na África Sul-Saariana e erradicar essas manifestações do patriarcado. Não basta realizar campanhas educacionais que se concentram preferencialmente ou exclusivamente na necessidade de evitar comportamentos de risco, como a incapacidade de usar preservativo, a necessidade de investigar a história sexual de um potencial parceiro sexual, o perigo de ter relações sexuais com muitos parceiros diferentes, e a natureza particularmente elevada de risco no sexo anal desprotegido em comparação com o sexo oral ou vaginal. Quando se coloca o foco da prevenção nesses elementos, reforça-se o dispositivo que vincula aids e responsabilidade individual, isentando os governos, igrejas e sociedade civil organizada de lutarem contra a aids pelo que ela de fato é: um problema social fortemente enraizado na misoginia e no colonialismo, alimentado por concepções teológicas de culpa e expiação.

Diversos vídeos poderiam entrar nesta análise e outros aspectos poderiam ser trabalhados, mas preferi focar as histórias cujos protagonistas eram mulheres. As tramas com homens como protagonistas, bem como outros temas como homossexualidade e uso de drogas também aparecem nas Estorietas e merecem análises próprias que serão desenvolvidas na minha tese de doutorado. Minhas conclusões aqui apresentadas são temporárias e incompletas, mas espero poder aprofundá-las melhor nos próximos meses. Espero também que o presente artigo possa contribuir para o interesse no estudo de religião, gênero e sexualidade nas sociedades pós-coloniais.



REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Henrique Figueiredo. **AIDS: a nova desrazão da humanidade**. São Paulo: Escuta, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: vol.1 – A vontade de saber**. 17ªed. São Paulo: Graal, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: vol.2 – o uso dos prazeres**. 11ª ed, São Paulo: Graal, 2006b.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault_vigiar_punir.pdf
- PINHO, Adriana de Araújo. **Trocas afetivo-sexuais e econômicas e AIDS na fronteira entre Angola e Namíbia**. 293 páginas. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012.
- PRADO FILHO, Kleber. A política das identidades. In: **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- RADFORD, Jill; RUSSELL, Diana E. H. (Orgs.). **Femicide: The politics of woman killing**, New York: Macmillan Publishing Company: 1992.
- Report on the global AIDS epidemic. UNAIDS, 2012.
- REPÚBLICA DE ANGOLA. Relatório de Progresso da Resposta Global à SIDA. GARPR, 2014.

VIDEOGRAFIA

- LEARNING to wait. Direção: Star Media Institute. Ideia Original: Akimana Audrey. Nairóbi, 2010.
- PREVENÇÃO À AIDS. **Stop Sida**. Amor de mãe (Quadro “Estorieta”) Luanda: TV Pública de Angola, 20 de abril de 2013. Programa de TV.
- PREVENÇÃO À AIDS. **Stop Sida**. Auto discriminação (Quadro “Estorieta”) Luanda: TV Pública de Angola, 3 de agosto de 2013. Programa de TV.
- PREVENÇÃO À AIDS. **Stop Sida**. Os perigos do sexo oral (Quadro “Estorieta”) Luanda: TV Pública de Angola, 15 de setembro de 2010. Programa de TV.
- PREVENÇÃO À AIDS. **Stop Sida**. A infecção (Quadro “Estorieta”) Luanda: TV Pública de Angola, 11 de maio de 2013. Programa de TV.



PREVENÇÃO À AIDS. **Stop Sida**. Infidelidade ao extremo (Quadro “Estorieta”) Luanda: TV Pública de Angola, 17 de agosto de 2013. Programa de TV.

PREVENÇÃO À AIDS. **Stop Sida**. Nem tudo que parece é... (Quadro “Estorieta”) Luanda: TV Pública de Angola, 2 de novembro de 2012. Programa de TV.

STIGMA: Direção: Star Media Institute. Roteiro: Alice Muigai. Ideia Original: Tinashe Gwakuka. Nairóbi, 2011.

THE PRECIOUS pearl: Direção: Star Media Institute. Roteiro: Samuel Muigai. Ideia original: Madjjanem N. Fabbienne. Nairóbi, 2011.

TRUE Love. Direção de Star Media Institute. Ideia original: Kalifa M. Soulama. Nairóbi, 2008.

Submetido em: 10-8-2016

Aceito em: 5-12-2016